

Editorial

Notas sobre Redação Científica em Psicologia

A discussão sobre a importância da publicação científica não é exclusiva da área da Psicologia e tampouco recente ou nova. Entretanto, meu trabalho como editora associada da Revista *Psico* tem me possibilitado observar que ainda existem controvérsias sobre maneiras adequadas para se comunicar os estudos empíricos e reflexões, assim como sobre a real importância da publicação científica.

Preconceitos ou concepções distorcidas sobre o conceito e o papel da ciência na Psicologia podem estar por trás deste debate e das controvérsias. Exigências quantitativas de produção podem levar a fenômenos como o apontado por Rocha (2013) no editorial do volume 44, n. 2 da revista *Psico* chamado (ou apelidado) de *Salami Science*. Resumidamente, a preocupação prioritária com a quantidade de artigos em prol da qualidade pode levar os pesquisadores a fatiarem um mesmo projeto em diferentes artigos enviados, conseqüentemente, a diferentes revistas. Esta prática, valorizando o número/quantidade de artigos em prol de sua mensagem/conteúdo diz respeito ao *Salami Science* ou como também é chamado nos Estados Unidos: *Piece Meal Publications* e pode prejudicar a qualidade das publicações e produções.

Retomando este debate sobre quantidade *versus* qualidade, é possível discutir o real objetivo da publicação científica e a importância da redação adequada. Ler e compartilhar resultados de pesquisas possibilita aos psicólogos e outros profissionais repensarem sua prática, seus estudos e formas mais eficazes de intervenção, assim como também os auxilia a coordenar esforços para aprimorar os processos de ensino-aprendizagem (Hummel, Whatley, Monetti, Brihl & Adams, 2009). Considerando a importância de um manuscrito, a redação deve ser clara e organizada. A organização de um artigo, assim com a exposição das preocupações e cuidados éticos dos autores e a atenção às normas para apresentação de resultados e referências não representam exigência rígidas ou imposições, mas estão a serviço de uma linguagem clara e objetiva, que possa alcançar a uma audiência mais ampla.

Em recente debate sobre publicações científicas e editoração de periódicos, Brett Laursen (2013), editor da *International Journal of Behavioural Development*, salientou que escrever um artigo científico é, sobretudo, contar uma história. Esta história deve valer a pena ser contada e ser lida, o que remete à importância de se escrever e debater sobre temas atuais, resultados interessantes ou revisitar temas antigos. E, ainda, não perder de vista que uma adequada redação científica é aquela que considera ou se estrutura a partir do ponto de vista dos leitores.

Um artigo escrito de forma clara, objetiva e sistemática, o que não é sinônimo de rigidez, facilita também que os pesquisadores-leitores possam replicar o estudo em questão, o que é um dos pressupostos do modelo científico (Gray, 2012). A replicação de estudos somente se faz possível a partir de registros claros e detalhados sobre pesquisas previamente realizadas.

Embora não haja um estilo definido para escrita e publicação científicas, nem tudo é tão relativo. O uso de expressões coloquiais, jargões, clichês ou pronomes ambíguos devem ser evitados. Já a discussão sobre o uso da primeira ou terceira pessoa e sobre o quanto o pesquisador deve ou não se colocar no seu estudo ainda são controversos e observa-se falta de um consenso. A busca por um equilíbrio continua sendo a melhor alternativa. Os cientistas devem assumir suas próprias posturas, sem temores, ao mesmo tempo em que não podem perder de vista o objetivo do estudo e da própria redação dos resultados, não expondo ou trazendo outras informações que não sejam pertinentes (Flick, 2009).

Os cuidados éticos devem ser apontados, assim como os protocolos dos processos de avaliação do estudo nos Comitês de Ética de universidades ou outros centros. Mas o maior cuidado ético

na redação e publicação científica reside na preocupação com o impacto de nossas afirmações. Explico-me. Produzir conhecimento em Psicologia e áreas afins está diretamente ligado a produzir mudanças sociais, mudanças de concepções, comportamentos e atitudes. A redação possui uma função legitimadora, ou seja, o conhecimento científico depende das formas pelas quais é apresentado (Flick, 2009). E, como a escrita científica tem o objetivo de alcançar um expressivo número de leitores, as idéias expressas podem ser absorvidas como verdades absolutas se assim forem escritas. Considerando a especificidade da nossa ciência, que é dinâmica e complexa, afirmações taxativas podem gerar concepções equivocadas e até *pré-conceitos*. E, ainda, a redação de descobertas de um estudo científico deve estimular os leitores à reflexão (Flick, 2009). Portanto, a preocupação ética dos pesquisadores deve ser relativizar sempre sua escrita, tendo a humildade de saber que os seus resultados, por mais interessantes que sejam, não são estanques e tampouco um fim para seus estudos. Pelo contrário, são apenas um começo. Todos nós temos boas histórias sobre nossos trabalhos. Nós sabemos. O desafio é saber como contar aos outros.

Carolina Lisboa
Editora Associada

REFERÊNCIAS

- Flick, U. (2009). *Pesquisa qualitativa* (20-38). Porto Alegre: Artmed.
- Gray, D. (2012). *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre: Artmed.
- Hummel, J.H., Whatley, M.A., Monetti, D.M., Briihl, D. S. & Adams, K.S. (2009). Using the Sixth Edition of the APA Manual: A Guide for Students. Trabalho apresentado no *Encontro Anual da Georgia Educational Research Association*, Savannah.
- Laursen, B. (2013). Escrever e revisar artigos: uma conversa com editores. *II Congresso Paranaense de Adolescência*. Curitiba.
- Rocha, K. B. (2013). Quantidade *versus* Qualidade: um debate tão antigo e tão atual. *Psico*, 44(2), 158-159.